

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RAONI SILVA PINTO

O GOALBALL EM JOÃO PESSOA: A VITÓRIA DA INCLUSÃO SOCIAL

**JOÃO PESSOA / PB
2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RAONI SILVA PINTO

O GOALBALL EM JOÃO PESSOA: A VITÓRIA DA INCLUSÃO SOCIAL

**Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Educação Física do Centro
de Ciências da Saúde da Universidade
Federal da Paraíba – UFPB, como exigência
parcial para obtenção do grau de Licenciado
em Educação Física.**

Prof. Dr. IRAQUITAN DE OLIVEIRA CAMINHA

JOÃO PESSOA / PB

2010

RAONI SILVA PINTO

O GOALBALL EM JOÃO PESSOA: A VITÓRIA DA INCLUSÃO SOCIAL

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Data de defesa: ____ de _____ de ____

Resultado: _____

Banca Examinadora

Nome do Orientador	Prof. Dr.	_____
UFPB/CCS/DEF		
Nome membro da banca	Prof.	_____
UFPB/CCS/DEF		
Nome membro da banca	Prof.	_____
UFPB/CCS/DEF		

Dedico este trabalho à minha mãe e meu pai,
Erluce da Silva Pinto & Bival Pinto da Cunha.

AGRADECIMENTOS

Ao treinador, Dailton Freitas do Nascimento, pela colaboração e disponibilidade que teve para com a minha pessoa. Sem ele nada teria sido documentado.

Aos atletas e ex-atletas que participaram desta pesquisa, pois sem estes o trabalho não teria sido elaborado também.

Ao orientador, Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha, pelo aprendizado, empenho e dedicação para que este fosse concluído.

À minha mãe, por sempre estar cobrando de uma forma incansável.

A toda a minha família, que contribuiu diretamente e indiretamente.

Ao Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, e todos que ajudaram indiretamente para realização deste trabalho.

Aos meus amigos, por me auxiliar em quando necessitava.

“Deficientes não são aqueles que por alguma razão ficaram privados de membros ou de alguns sentidos.

Estes fazem parte da grande e sadia família da humanidade.

Deficientes são outros: aqueles que aparentam ser normais de corpo e mente, mas são sedentos de poder como todos os megalomaníacos e representam, para a humanidade e para todas as espécies viventes, um risco constante.”

(Luigi Maria Sarcinella)

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E GRÁFICOS

Figura 1: Primeira bola de Goalball da Equipe APACE	16
Figura 2: Bola oficial de Goalball	15
Quadro 1: Brasil em Olimpíadas.....	36
Quadro 2: Brasil em Paraolimpíadas	37
Gráfico 1: Brasil em Jogos Olímpicos.....	37
Gráfico 2: Brasil em Jogos ParaOlímpicos	38

RESUMO

PINTO, Raoni da Silva. O Goalball em João Pessoa: A Vitória da Inclusão Social. João Pessoa: UFPB, 2010.

Este estudo tem como intuito descrever a história do Goalball na cidade de João Pessoa, além de analisar o papel desse esporte na inclusão social dos deficientes visuais. Identificamos os pioneiros responsáveis pela introdução do Goalball em João Pessoa, bem como analisamos a evolução histórica deste esporte na cidade, além do papel desempenhado por este como instrumento de inclusão social. A pesquisa se caracteriza como uma investigação histórica exploratória. Através de roteiro de perguntas foram entrevistados os atletas e treinador para análise de seus depoimentos. A partir das entrevistas realizadas, ficou claro que os atletas e ex-atletas de Goalball estão inseridos socialmente. Atualmente, alguns se tornaram atletas paraolímpicos enquanto outros atletas de representação nacional.

Palavras-chave: Goalball; Inclusão social; Deficiente visual.

ABSTRACT

PINTO, Raoni da Silva. The Goalball in João Pessoa: The Victory of Social Inclusion. João Pessoa: UFPB, 2010.

This scientific study has as intention to describe the history of the Goalball in the city of João Pessoa, as well to analyze the importance of this sport in the social inclusion of the visual impairment. We identified the responsible pioneers for the introduction of the Goalball in João Pessoa, as well as analyze the historical evolution of the Goalball in this city, besides, to analyze the function of this sport as instrument of social inclusion. The research is characterized as exploring historical inquiry. Through script of questions the athletes and coach for analysis of its depositions had been interviewed. From the realized interviews, it was clear that the athletes and former-athletes of Goalball are inserted socially, and today they are paraolympics athletes and other athletes of national representation.

Keywords: Goalball; Social Inclusion; Visual Impairment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	13
3 OS PIONEIROS DO GOALBALL EM JOÃO PESSOA.....	15
4 GOALBALL E INCLUSÃO SOCIAL	32
4.1 A INCLUSÃO ATRAVÉS DO ESPORTE	32
4.2 A INCLUSÃO ATRAVÉS DO GOALBALL	39
4.3 INCLUSÃO ATRAVÉS DO GOALBALL EM JOÃO PESSOA	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
6 REFERÊNCIAS	51
ANEXOS.....	54
APÊNDICES	58

1 INTRODUÇÃO

A inclusão social hoje é um fator que está em evidência em qualquer área, como em empresas, modalidades esportivas, escolas, universidades, entre outros. O próprio governo faz campanhas em prol da inclusão social, envolvendo todos aqueles que por algum motivo tenham determinada deficiência genética, ou de origem não-genéticos.

Depois de várias conferências internacionais, leis, decretos, declarações, resoluções e convenções, todos os países buscam pelo direito igual a todos. Como é afirmado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), nos seus artigos I e II:

“Artigo I - Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.

Artigo II - Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.”

Para as pessoas com deficiência, a acessibilidade ou o direito à reabilitação, pode permitir ou não a prática de outros direitos, tais como: lazer, acesso ao trabalho e à educação.

Segundo Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, capítulo III, artigo 8º considera-se: “I - acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.” (BRASIL, 2009)

Os direitos humanos não se limitam somente aos direitos civis e políticos, área em que geralmente existe certo entendimento por parte da sociedade. Abrange outras áreas como: sociais, culturais e econômicas. Os direitos sociais, onde estão

inseridos o direito à saúde mental e física, direito das crianças, mães e famílias. Direitos culturais como a educação. Direitos econômicos, como alimentação, moradia, trabalho e direitos trabalhistas.

Segundo o censo do IBGE (2000), o Brasil tem 14,5% de pessoas com algum tipo de deficiência, que representa aproximadamente 24,6 milhões de pessoas da população total que é de aproximadamente 170 milhões de pessoas. Do total de deficientes no Brasil, a maior porcentagem é de deficientes visuais com 68% do total, representando 16,6 milhões de pessoas, aproximadamente.

O Goalball é uma ferramenta de inclusão social para os deficientes visuais. A inclusão social pode ser entendida como “um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade” (SASSAKI *apud* ALMEIDA, 2008).

A modalidade é um dos principais meios de inclusão social, através do esporte, para um deficiente visual. Através do esporte o deficiente mantém contato com o meio social, fortalecendo sua motivação para continuar praticando-a. Diante da prática do Goalball, vêm os resultados, e cada vez mais, a sociedade volta os olhos para os deficientes visuais. Assim, começam a perceber que eles também são capazes de praticar esportes, obter bons resultados, e ter o mesmo nível de qualidade técnica na sua modalidade, respeitando seus limites.

O esporte ajuda a aumentar a motivação dos deficientes, eles sentem que são tão iguais quanto os videntes, e conseguem demonstrar através do esporte que têm o mesmo potencial para sua prática. Paralelamente com a prática do esporte, funcionam as instituições que servem de apoio para que os deficientes se sintam incluídos na sociedade.

O Goalball foi criado na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, em 1946, pelo alemão Hanz Lorenzer e o austríaco Sett Reindle. O objetivo de sua criação era a reabilitação dos veteranos de guerra com deficiência visual através da prática desportiva (IBSA, 2006). É uma modalidade esportiva voltada especificamente para as pessoas que têm deficiência visual. O jogo é constituído de 3 jogadores em cada equipe, que lançam a bola rolando, tentando fazer o gol, e a equipe adversária tenta impedir o gol deitando-se no piso. O vencedor é conhecido quando são somados os gols em duas etapas da disputa. O silêncio é

importantíssimo na hora do jogo, pois é através de um guizo¹ dentro da bola que os jogadores conseguirão perceber onde a bola está localizada. Para manter o controle e a aplicação das regras, tem-se a equipe de arbitragem, constituída por 2 árbitros principais, mesários e juízes de linha.

Na Paraíba quem deu início ao Goalball foi Dailton Freitas do Nascimento, Graduado em Educação Física na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Pós-graduado em “Pesquisa em Educação Física” na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A importância desta pesquisa revela-se quando entra no contexto a carência de registros documentais a respeito da origem e do desenvolvimento do esporte na cidade de João Pessoa. Através dos entrevistados é que se inicia o processo de construção da história do Goalball no município. A escassez da literatura sobre este esporte é de grande relevância para que seja realizada esta pesquisa, assim fortalecendo a literatura existente.

É importante documentar, descrever e preservar como surgiu o esporte e todo seu trajeto até os dias em que se realiza a pesquisa pois, assim, faz-se uma cultura esportiva que é de extrema importância para pesquisadores futuros. Este trabalho serviu para conhecer e preservar a história do esporte no estado da Paraíba.

A partir dessas considerações, realizamos este estudo para investigar a seguinte questão: Qual a origem e desenvolvimento do Goalball no município de João Pessoa?

Nesse sentido, o objetivo de nossa pesquisa foi descrever a história do Goalball na cidade de João Pessoa, bem como analisar o papel desse esporte na inclusão social dos deficientes visuais. Especificamente, identificamos os pioneiros responsáveis pela introdução do Goalball na cidade de João Pessoa, bem como analisamos sua evolução histórica na cidade e o papel desempenhado por este esporte como instrumento de inclusão social.

Destacamos que a Paraíba é um dos centros de treinamento de maior importância na prática do Goalball no Brasil.

¹ Substantivo masculino. Esferazinha oca, de metal, com furinhos, que contém bolinha(s) maciça(s) e que, agitada, produz som peculiar. (Miniaurélios Eletrônicos versão 5.12, 2004)

2 METODOLOGIA

Considerando que fizemos um levantamento dos fatos que deram início ao surgimento do Goalball em João Pessoa, nossa pesquisa caracteriza-se como uma investigação qualitativa histórica exploratória. Segundo Cervo e Bervian (2002) citados por Mattos; Rossetto Júnior; Blecher (2008), *O estudo exploratório tem por finalidade familiarizar-se e obter uma nova percepção do fenômeno, descobrindo novas idéias em relação ao objeto de estudo*. Desta forma, analisamos os fatos históricos, que foram interpretados com base nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa.

Analisando a dificuldade de coletar informações de fontes documentais a respeito do tema, optamos por recuperar a história do Goalball em João Pessoa através dos depoimentos das pessoas que colaboraram com o surgimento desse esporte. Deste modo, reconstituímos sua história, utilizando a perspectiva da história oral, que valoriza os depoimentos das pessoas como fonte histórica.

Inicialmente procuramos registros e dados a respeito da primeira equipe, sem informações suficientes partimos para entrevistar os pioneiros do esporte. Os entrevistados para a realização desta pesquisa foram: o treinador, atletas e ex-atletas que participaram da história do Goalball em João Pessoa. Os sujeitos selecionados para a nossa pesquisa foram indicados pelo professor Dailton Freitas que, é o principal responsável pela introdução do Goalball em João Pessoa.

Utilizamos a técnica da entrevista para obter as informações que precisávamos para atingir os objetivos do estudo. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro de questões. Todos os depoimentos foram registrados em um gravador e depois transcritos na íntegra. Confrontamos as informações levantadas, e, na medida do possível, buscamos documentos que pudessem comprovar as informações fornecidas.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Quatro entrevistas foram feitas no Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha, e a outra entrevista foi realizada na Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD). Os horários foram determinados de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

De posse dos depoimentos, fizemos inicialmente uma síntese geral de todas as informações e, em seguida, um cruzamento de todos os discursos para a realização de uma análise detalhada capaz de recuperar a história do Goalball em João Pessoa.

3 OS PIONEIROS DO GOALBALL EM JOÃO PESSOA

Este capítulo relata as entrevistas realizadas com todos os participantes da história do Goalball. O texto foi transcrito em 3ª pessoa a partir das gravações realizadas.

Dailton Freitas Nascimento²: do amadorismo ao alto rendimento

Esta entrevista foi realizada em 13 de novembro de 2009, com duração de aproximadamente 48 minutos.

Quarenta e três anos, casado, graduado e pós-graduado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), professor de educação física e treinador de Goalball.

Conheceu o Goalball em 1993. Nesta época, Dailton não possuía muitas informações a respeito do Goalball.

Começou seu trabalho no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICP) em 1992. Em 1993, participou de uma competição de natação e atletismo na cidade de Campinas – São Paulo, onde conheceu de uma forma teórica, o Goalball.

Dailton fez amizade com a professora de Educação Física Marlene, do Instituto Santa Maria de Porto Alegre – RS. Marlene e sua delegação ficaram no mesmo alojamento que Dailton. A professora explicou, utilizando uma folha de papel, como era a dinâmica, o tamanho da quadra e qual implemento utilizado, no caso, a bola.

O interesse começou a partir deste ponto. Primeiro, uma atividade nova. Segundo, ele foi atleta de handebol e trabalhava com este esporte nas escolas em que trabalhava, identificando-se muito por já gostar de handebol. Ele percebeu que o Goalball, assim como o handebol, era uma atividade que desenvolvia muita potência, além de ser muito dinâmica.

Ele retornou da competição, no final de 1993, trazendo as informações obtidas com a professora Marlene, além de contar com a assistência de uma amiga, a professora Sandra, de Uberlândia – MG. Assim, a partir de 1994 iniciou o trabalho com o Goalball.

² Certificados de participação em anexo.

Dailton possuía um colega que fabricava bolas de futebol, e a partir das informações fornecidas pela professora Marlene, Dailton orientou o colega na fabricação de um protótipo de uma bola de Goalball.

Esta bola foi fabricada a partir de uma bola de futebol de cegos (futebol de 5) que Dailton possuía. Os guizos foram colocados numa bola de futebol de campo, contudo, o protótipo, de 900 gramas, ficou leve em relação à bola oficial, que pesa 1.250 gramas. Esta foi a primeira bola de Goalball da equipe do ICP.



Figura 1: Primeira bola de Goalball da Equipe APACE
Fonte: Acervo de Dailton



Figura 2: Bola oficial de Goalball
Fonte: www.electrosertec.pt (2009)

Em 1994, já existia o futebol de salão, natação e aulas de Educação Física no ICP. O Goalball veio para ilustrar e apresentar a todos os alunos uma atividade

nova que eles não usufruíam. Dessa forma, veio junto com essa descoberta a atividade nova e agregado a isso, o despertar do interesse de todos.

O interesse veio crescendo da apresentação do esporte para os jovens, até a primeira participação da equipe numa competição nacional. Ao obter bons resultados e desenvolver as potencialidades dos alunos, Dailton decidiu se aprofundar mais no Goalball, estudando-o, escrevendo sobre ele e treinando a seleção brasileira.

Dailton entrou no final de 1992 no Instituto, mas o ICP já vinha há um ano sem aulas de educação física adaptada. Para ele, era uma experiência nova. Não só a implantação do Goalball em si, mas o ensino a educação física para portadores de necessidades especiais, onde a adaptação é de fundamental importância.

“[...] eu tive que caminhar com a dificuldade de falta de conhecimento, não tinha livros, não tinha artigos, não encontrei nada escrito. No início foi muito empírico, as adaptações vieram da minha própria experiência na educação física tradicional, na educação física da escola [...]”

Essa foi a grande dificuldade. Não se tratava de uma questão de infraestrutura, embora ele tivesse que usar a quadra da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) por diversas vezes devido à má qualidade do galpão do ICP. Outro problema foi a escassez de bolas para a prática do Goalball, sendo necessária as adaptações como a realizada pelo colega de Dailton (Os atletas conheceram a bola oficial apenas quando participaram da competição nacional). No entanto, a maior dificuldade foi a nível pedagógico: como ensinar, falta de informação, colegas que não conheciam o Goalball, ninguém tinha trabalhado com o esporte.

“[...] Os primeiros atletas foram: Legy Pedro, Rômulo Pierre, José Antônio, José Pereira, Severino Marte e Fernando Alves, junto, Eu e o professor que me acompanhou foi Antônio de Pádua.”

Passaram o ano de 1994 fazendo iniciação, apresentando, melhorando técnica, mas de uma forma lúdica. E paralelo a isso Dailton ligava para a amiga dele,

Sandra. E então ela repassava-lhe informações sobre técnicas, táticas, condicionamentos físicos e treinamentos.

Em 1995, já apareceram alguns atletas interessados até para participar de competições. E então começou toda a metodologia voltada ao treinamento. Dailton recorda que ligou várias vezes para professora Sandra. Curiosamente a equipe derrotou a equipe da professora Sandra por 6 a 5 no campeonato brasileiro, além de ficarem com o sétimo lugar.

Em 1996 foram para Brasília – Distrito Federal, porque antigamente eram duas competições oficiais que a ABDC (Associação Brasileira de Desportos para Cegos) organizava. O formato das competições era regionais e nacionais. Como era somente em João Pessoa que se praticava o Goalball, sempre viajavam para o regional do Sul. Então, eles participavam do regional Sul e Centro-Oeste para ter acesso ao campeonato nacional. No mesmo ano eles já decidiram o campeonato regional contra o IBC (Instituto Benjamin Constant) do Rio de Janeiro. Perderam o jogo por um a zero, mas já ganharam vaga para a competição nacional de 1996. Em 1997 e 1998 não houve competições regionais.

No ano de 1999 tinha a competição regional no começo do ano e no final do ano a competição nacional. Foram vice-campeões regionais, ganhando vaga para a nacional.

No mesmo ano de 1999 na competição nacional foram vice-campeões brasileiros. Que foi a segunda participação da equipe em campeonatos nacionais.

Existe uma parceria entre ICP e a Associação Paraibana de Cegos (APACE): todo trabalho de iniciação é no ICP, e as participações são pela APACE.

Naquela época os atletas não tinham a visão de serem atletas denominados de alto rendimento, que ganhasse dinheiro para poder praticar esporte.

“Hoje já envolve remuneração, atleta ganha bolsa federal, hoje já está mais profissional. Mas, assim não tinha como cobrar, eram garotos que moravam no internato, alimentação deixava a desejar, uns já trabalhavam, outros estudavam. Sempre teve esta dificuldade. É tanto que, desses 6 atletas, hoje 3 praticam Goalball, os outros 3 já desistiram, 1 foi para o atletismo, o outro foi para o futebol, e o outro já tem 40 e poucos anos, já trabalha. Eles sempre acreditaram no projeto, sempre insistindo, sempre mostrando que o esporte socializava e reabilitava.”

Na época tudo era muito difícil, principalmente no sentido de ter atitudes de atleta, comportar-se como atletas e ter disciplina para praticar uma modalidade esportiva de rendimento. Era muito amador, era mais “o importante é participar”, a diversão, o lazer, tudo isso com o decorrer dos anos foi quebrando-se, hoje a visão é completamente diferente.

O interesse vem aparecendo a cada etapa. Hoje Dailton é mais entusiasmado ainda, por incrível que pareça. Há dezoito anos que ele conhece o Goalball. Há dezessete trabalha na área. Cada dia interessa-se mais. Tem sempre alguma coisa o empurrando para frente. Hoje o interesse dele é pela parte tática do esporte. Já escreve tática e técnica do Goalball. Participou de setenta e nove jogos internacionais e palestras sobre o Goalball. Tudo isso aumenta o interesse dele.

“[...] Os meus atletas de certa forma tendo mais conforto na vida, através de bolsas federais, paraolímpicas. Bolsas de um certo valor de R\$ 1.500,00 à 3.000,00, outros ganham R\$ 750,00, então, isso só faz aumentar nosso interesse[...]”

Após a participação em Pequim chegou com muitas dúvidas, achando que sabia muito pouco sobre o Goalball, com vontade de aplicar novas técnicas, táticas.

No ano de 2009 tornou-se a equipe melhor ranqueada na década do Goalball do país. Fizeram as últimas cinco finais da Copa Brasil da série A, e hoje a Paraíba é o centro de treinamento e de referência do Goalball, no Brasil. Hoje, não só Dailton mas toda uma equipe aqui em João Pessoa, possui toda uma estrutura voltada ao trabalho de treinamento de Goalball e também pessoas escrevendo sobre Goalball.

Dailton ficou feliz há dois anos atrás que em um concurso estadual ou municipal para professores de educação física, uma das perguntas foi “Qual é a modalidade específica praticada por deficientes visuais?” E então estava lá o Goalball.

O interesse vem a cada dia. Se o interesse acabar, Dailton sabe que ele deixou uma contribuição muito grande para o Goalball. E hoje, dentro dessa estrutura, tem pessoas que com certeza vão continuar.

Na Copa Brasil de Goalball foram vice-campeões em 1999 e 2000, terceiro lugar em 2001, vice-campeão em 2002, quarto lugar em 2003, quarto lugar em 2004.

Então, começa a grande jornada vitoriosa, campeão em 2005 e 2006, vice campeão em 2007, campeão em 2008 e 2009. Esse título de 2009, igualaram-se a uma entidade que foi quatro vezes campeã brasileira, que é a Associação de Deficientes Visuais de Maringá (ADEVIMAR), Paraná. Mas, nenhuma equipe fez cinco finais seguidas. Então, já bateram esse recorde.

"[...] Então, me prove como não posso me interessar."

Tudo isso veio naturalmente, nada foi programado. Dailton apostou no projeto. Identificou-se com o Goalball. Há um projeto, tinha estrutura, tinha recursos humanos, os alunos do Instituto tinham um potencial. A motivação traz o interesse, então, os atletas estão sempre motivados, são campeões brasileiros, são atletas que representam o Brasil, são atletas que vão pra mundiais, Pan-americanos e Paraolimpíadas. Dailton também segue nessa mesma linha.

É um grupo que o atleta mais velho tem 32 anos e o mais novo tem 15 anos. Nesse espaço entre 15 e 32, tem atletas de 20, 23, 25 anos, então, eles são conscientes disso e eles têm Goalball para os próximos 10 anos. Eles não se preocupam com a decadência de um grupo, porque tem renovação. Andam juntos à iniciação, à estimulação precoce, à apresentação do Goalball para os alunos de educação física, à iniciação ao Goalball, ao treinamento desportivo e ao treinamento de alto rendimento. Essas cinco fases, todas são seguidas. Por isso a motivação está sempre alta, porque o atleta de 32 anos sabe que vai ter um suporte de um jovem, e o jovem sabe que vai ter um colega que o suporte. Tudo isso tem a ver com o sucesso.

A maioria das equipes em potencial no Brasil são os mesmos atletas, os atletas ficando cada vez mais longe de um treino de rendimento, e as equipes não têm renovação. Quando vemos os campeonatos nacionais, sempre são os mesmos atletas, envelhecendo e nada de haver substitutos.

"[...] Aqui eu trabalho ao contrário, aqui no ICP, renovação em primeiro lugar e a sustentação de atletas de alto nível o tempo todo."

O projeto está dando certo, Dailton fica feliz por estar contribuindo com a vida dos atletas.

Falando especificamente do Goalball, Dailton dá o exemplo de Legy. Conheceu Legy aos 13 anos de idade. Veio do interior da Paraíba, perdeu a visão aos 9 anos. Legy já conheceu o mundo todo. É um atleta de alto rendimento e certamente ele realizou um grande sonho como foi o de Dailton: participar de uma Paraolimpíada, que é o sonho de todo profissional e todo atleta. E hoje Legy trabalha, iniciou o curso de teologia, tem uma família, e vai ter um conforto na vida, pois vai receber uma bolsa de mais ou menos 3 mil reais durante 4 anos. Ainda tem Rômulo Pierre, Thiago e Romário. Cada um com suas particularidades, cada um com sua história de vida. Todo jovem cego e com baixa visão, que o esporte está contribuindo.

Se for fazer uma comparação do início e agora, evoluíram muito. Hoje eles têm bolas suficientes e sabem onde comprar. No começo tinham uma dificuldade muito grande na compra de joelheira, cotoveleira, coquilha e peiteira, necessários para um esporte de muito contato com o chão e com a bola. Então hoje não tem esse problema. Treinamento, hoje tem treino específico de potência, de força, resistência, treinos técnicos e táticos. Agora a equipe só tem uma dificuldade que podemos enumerar que é a falta de uma quadra própria. O Instituto não tem uma quadra de Goalball, tem uma quadra que ainda não é adequada e não é coberta.

Hoje precisam sair do Instituto para treinar em outro lugar. Essa ainda é a grande dificuldade, mas uma dificuldade a que já acostumaram-se. O ideal seria ter uma quadra própria, específica do Goalball. Então, todo treino seria no Instituto. Atualmente o treino é na FUNAD (Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência). Não é uma quadra, é um salão, mas que atende bem ao treino. Desde 1996 até hoje treinam na FUNAD.

“[...] o treino é na FUNAD, a gente é muito grato com isso.”

O Instituto não tem dinheiro, a APACE também, então, sempre ficam dependendo de passagens via governos estadual e municipal. De 3 anos pra cá, começou a aparecer Bolsa-Atleta, então, o apoio mesmo é da própria bolsa. O atleta ganha a bolsa e compra a passagem. Dificuldade de participar e não para treinar.

Falta mais apoio ao esporte adaptado. O esporte adaptado tem que ter outros olhos dos governantes, tem melhorado muito a auto-estima, melhora a socialização, a sociedade quebra alguns conceitos. Os paradigmas vão sendo quebrados aos poucos, já quebraram muitos. Hoje já são pessoas que a sociedade vê com muitas potencialidades. No esporte, na vida pessoal, na profissionalização, na música e concursos. Hoje já evoluiu muito, a visão social é diferente.

Veio outro interesse, a preocupação para expandir e ter outras equipes, outras entidades de cegos para praticar o Goalball. Um dado interessante, João Pessoa em 2000 ou 2001 sediou um campeonato Norte-Nordeste de futebol de cegos, futebol de 5, como hoje é denominado. E então Dailton pegou a bola de Goalball e saiu chamando técnicos e atletas de cada entidade, Natal, Pernambuco, Campina Grande, e, chamava enquanto eles estavam sem jogo e começava a mostrar o jogo, mostrando a dificuldade, que só tinha João Pessoa praticando o Goalball que era interesse nosso que fizessem o próprio regional, que o regional dava acesso à Copa Brasil, mas teve muita rejeição.

Mas, logrou êxito, que em 2002, o Nordeste fez o primeiro campeonato regional. Então, praticamente Dailton Freitas fez uma divulgação corpo-a-corpo, mostrando o Goalball. Em 2002 as cidades que já praticavam eram João Pessoa com a APACE, Natal com a ADEVIRN - RN (Associação dos Deficientes Visuais do Rio Grande do Norte) e Recife com a APEC – PE (Associação Pernambucana de Cegos).

E então, começaram os regionais, Norte-Nordeste, hoje já com essas entidades que Dailton citou. Aracaju já joga Goalball, o Piauí já tem uma bola de Goalball, o Maranhão já conhece o Goalball. É a única região que já tem 4 circuitos consecutivos. O Sul está fazendo seu primeiro Circuito, mas muito iniciante. No Nordeste já está no 4°. Um dos regionais a ADEVIRN foi campeã. E os outros três são da APACE. Em 2007, 2008 e 2009 não houve regional devido à situação financeira da CBDC.

A representação na Copa do Brasil pelas entidades do Nordeste é muito forte. Temos campeões brasileiros. O atual campeão é a APACE, de João Pessoa. ADEVIRN- RN, ano passado, na Copa Brasil ficou em 3° e a APEC-PE ficou em 7°.

Então hoje, temos uma das melhores competições regionais do Brasil, que é aqui no Nordeste.

Fernando Alves Felipe: O Goalball como realização pessoal

Esta entrevista foi realizada em 20 de novembro de 2009, com duração de aproximadamente 17 minutos.

Trinta e dois anos, casado, ensino médio completo, instrutor de Braille.

O Goalball nasceu dentro do Instituto, através da geração do professor Dailton, por volta de 1993/1994, nas aulas de educação física. Fernando só jogou Goalball por um ano, que foi em 1995. Treinou um ano, que foi o ano que a equipe participou do campeonato de Goalball, primeiro campeonato da equipe.

Fernando conheceu o esporte dentro do Instituto, até porque não tem como conhecer fora, porque é um esporte exclusivo de cegos. Fernando diz que Dailton usa as aulas de educação física para descobrir esses valores. Foi o caso deles no Instituto, inclusive na geração dele, tem Rômulo Pierre e Legy Pedro, que jogam até hoje e são atletas de alto nível.

“[...] Eu parei porque eu não tive muita identificação pelo Goalball, tanto que anos depois eu treinei outra carreira e consegui muitos resultados.”

Ele era atleta de 100 metros, 200 metros e 400 metros. Fernando tem de 4 a 5 títulos de campeonatos brasileiros, inclusive nas três provas. Fernando não participou de nenhum mundial, mas participou de dois Parapanamericanos (um na cidade do México, em 1999, e outro nos Estados Unidos, em 2001), que antigamente eram realizados de dois em dois anos e em cidades diferentes. Hoje já compõe o próprio calendário dos Jogos Olímpicos.

No ano que professor Dailton foi para Campinas – SP, que conheceu o esporte, Fernando não foi como atleta, disseram que ele não tinha potencial e não conseguiu integrar-se à equipe, porque era raquítico. Mas, no ano seguinte ele conseguiu, na primeira competição que ele foi, derrubou todos os meninos do Instituto. Ganhou as três medalhas de 100m, 200m e 400m em um Norte-Nordeste. Não prepararam os meninos, então a maioria desistiu. Só quem deu seguimento foi Fernando Alves em 1995, a equipe foi até 1996, porque maioria foi desistindo e não mostrou resultado. E lá fora crescia muito o nível. Durante esse tempo pra frente, somente Fernando Alves carregava o atletismo “nas costas”.

Eles vão chegando numa certa idade que vão aparecendo outras pessoas e vão substituindo-lhes. Às vezes Fernando viajava somente pra sentir o nível da competição, mas, para ele competir não dá mais, porque o nível está muito alto.

O Interesse de Fernando pelo Goalball foi a questão do novo. O novo sempre chama atenção, e então ele, como a maioria dos atletas da época, interessaram-se e era uma chance deles conhecerem outras pessoas e viajar. Antigamente o objetivo deles era viajar, hoje não, hoje está profissional. Principalmente o Goalball aqui em João Pessoa. Os meninos vivem em regime profissional, por isso os resultados estão aparecendo, porque os treinos aqui são intensos.

Eles começaram aqui no Instituto dos Cegos, a maioria era interno e um ajudava o outro. Fernando lembra que, da primeira equipe que viajou para Belo Horizonte, só tinha dois que não eram de dentro do Instituto, Zé Antônio e Pereira.

“[...] Eu fui para o campeonato em 1995, e quando voltei já não mais fiquei já fui trabalhar em cima do que eu podia render mais.”

O motivo de Fernando ter continuado a praticar o Goalball durante um ano foi a de estar sempre em evidência. Você começa a praticar alguma coisa que mexa com seu corpo, no caso de Fernando, hoje em dia ele ainda é viciado, ele não para, treina atletismo de segunda a sexta, e às vezes ao sábado.

Naquela época no ICP, eles treinavam fora, tinha aquela coisa de sair duas ou três vezes no final da tarde para ir treinar no Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD). Então, eles juntavam o grupo, e saíam com Dailton e o pessoal que colaborava. Para eles, melhoravam e saíam da rotina, porque os atletas passavam a semana dentro do Instituto, isso era um escape.

O Goalball no início aqui foi interessante, ele não sabe se foi o caso das outras cidades que implantaram o Goalball. Na época deles aqui, pra ter idéia até a bola era diferente, era uma bola adaptada. A bola era “assassina”, ela não tem o peso que a bola oficial tem hoje, mas só que ela parecia um côco, Fernando acha que a bola era muito mais veloz do que a de hoje, deveria estar acima do normal, ela batia e subia muito. A equipe iniciou na quadra do ICP, nas aulas de educação física. Então, quando foi preparar a equipe para um campeonato, foram procurar

outros lugares porque o piso não era favorável. Para Fernando ele ainda acha que o time utiliza até hoje o salão da FUNAD. Chegavam lá, já deixava demarcado, só não tinha as traves, comenta Fernando.

Fernando crê que não há tanta dificuldade no Goalball com as condições de hoje. No atletismo e futebol que ele pratica, ele viajou há um mês para um campeonato de futebol, quase que eles não viajavam, pois o pessoal teve que comprar passagem.

Fernando sentia realização pessoal no Goalball.

“[...] Eu acho que eu me sentia mais eu, você sabe que o deficiente, principalmente o cego, geralmente a auto-estima da rapaziada é meio assim pra baixo, aquilo me sentia mais realizado.”

Como ele ainda sente com as outras coisas. Ele correndo pela rua escuta muitos comentários que às vezes deixa com uma auto-estima bem elevada. Você vê que as pessoas têm uma visão que cego, que deficiente de qualquer uma dessas deficiências, é como se fosse de outro mundo, muita gente trata como um doente. Fernando diz que o esporte na vida de qualquer um, principalmente na vida de um deficiente, tem esse potencial de melhorar a auto-estima do sujeito.

Legy Pedro: Reconhecido como atleta profissional

Esta entrevista foi realizada em 17 de novembro de 2009, com duração de aproximadamente 14 minutos.

Trinta e três anos, casado, superior incompleto, recepcionista do projeto Cooperar e atleta profissional de Goalball.

Legy conheceu o Goalball através de seu atual treinador, professor Dailton. Na época, Legy Pedro morava no ICP, foi quando o treinador mostrou-lhe informação a respeito desta modalidade e entregou-lhe o desenho da quadra em alto relevo. Ficou ansioso para começar a praticar este esporte.

Tudo foi novo para ele, ficou impactado, porque para ele só existia futebol de cinco, natação e atletismo. Ele lembra bem que foi em 1993 que conheceu o Goalball.

Começaram a treinar em uma quadra aberta na UFPB, foi o primeiro espaço deles. Treinavam pelo turno da noite, em um piso liso. Conseguiram a quadra através de um professor amigo de Dailton. Difícil era treinar em quadra aberta, quando erravam a direção das bolas, elas iam distante, e sempre ficava um treinamento demorado. Mas, eles estavam alegres e satisfeitos com o que faziam, pois era o começo. Começaram a buscar quadras fechadas, oficiais de futebol, até que encontraram o antigo DEDE (atual Vila Olímpica Ronaldo Marinho), e também treinavam no ginásio fechado da UFPB, o que era raro, mas conseguiam. Chegaram até treinar no Lourdinás. Na quadra do ICP treinavam alguns arremessos, em um cimento grosso, mas mesmo assim praticavam, e no auditório retiravam as cadeiras e treinavam a parte defensiva.

O que chamou atenção de Legy foi a forma de praticá-lo. Ele pôde perceber que trabalharia em virtude de procurar as linhas para orientação, trabalharia o tato também. Hoje, ele entende que buscaria como trabalhar melhor a concentração para certas execuções. Neste caso, a execução da defesa e do arremesso, com duas formas de concentração diferente. Quando realmente conheceu na prática, em um campeonato, onde tinha várias equipes reunidas e ele participou dois anos após a conhecer a modalidade, foi quando Legy Pedro realmente apegou-se mais e disse que iria praticar o esporte porque era legal. Ele já praticava futebol de cinco, e em virtude dos contatos físicos, dizia até que o Goalball é uma modalidade que traz nenhum contato físico e evita a agressão, violência, evita machucar com mais facilidade.

Legy já não enxergava muito bem aos 9 anos de idade. Ele foi perdendo a visão depois dos 9 anos de idade. Estudava em uma escola normal (3ª série) e gostava muito de estudar. Ele teve que ser colocado para fora de sala de aula pelo fato de não enxergar e atrapalhava os alunos em sala de aula. Legy entristeceu um pouco, porém, conheceu o Instituto dos Cegos da Paraíba, mas quando ele veio para o ICP já tinha perdido a visão total. E então, para ele era só estudar.

Era impossível aprender a tocar instrumento, aprender música, praticar esporte, recorda Legy. Quando Legy Pedro chegou ao ICP e conheceu as práticas desportivas, continuou achando impossível. Quando ele começou a prática desportiva, atletismo, natação, futebol, e quando ele conheceu o Goalball, estava defasado a nível internacional. Legy fez parte desse início, do Goalball brasileiro no cenário internacional.

A partir do ano 2000 ele percebeu que houve um reconhecimento, que foi a primeira viagem pela seleção brasileira. E chamou atenção dele quando ele decidiu abandonar o futebol que ele fazia, era tri-campeão brasileiro e continuou exclusivamente a praticar o Goalball.

“[...] Na verdade o reconhecimento como atleta.”

A primeira convocação brasileira saiu após o campeonato de 2000, pelo professor Paulo do Rio de Janeiro. Era para ir ao pan-americano nos Estados Unidos em 2001. E Legy Pedro foi um dos convocados.

A primeira equipe foi formada assim, Legy de ala direita, Zé Antônio de Pivô e Rômulo Pierre de ala esquerda, comenta Legy. Quando eles foram para o primeiro campeonato, em Belo Horizonte – Minas Gerais foi aonde eles conheceram a bola oficial, que eles não tinham.

A professora Marlene de Porto Alegre apresentou essa modalidade ao professor Dailton. E quando encontraram com a equipe dela, foi um jogo bastante disputado. A professora gostou demais da equipe, e disse até que estava criando uma cobra para ser picada, diz Legy.

O Goalball naquela época realmente estava muito defasado. Até aparecer um coordenador que colocou pra frente.

A dificuldade maior foi a aquisição da bola oficial do Goalball para que eles pudessem praticar com maior precisão. Para que se tornassem uma equipe do Brasil com tendência a crescer. Mas, em termos de espaço, entendimento de modalidade, materiais adequados, isso veio aos poucos.

Eles começaram a praticar de short, mas o jogo era para ser praticado de calça adequada, não tinham proteções essenciais, tinham somente algumas, como cotoveleira e joelheira. E a partir daí foram adaptando-se, adquirindo experiência, o tempo passando, até tornar-se esta equipe que é hoje.

Hoje, a dificuldade maior é a questão de apoio financeiro. O custo hoje todo é alto.

“[...] A falta deste reconhecimento para esta modalidade, eu acho que em virtude de ser uma modalidade exclusiva para deficiente, ela não é adaptada, então, a sociedade faz questão de não reconhecê-la.”

Legy Pedro diz que até ao nível de participar mais é difícil, porque a maioria dos campeonatos oficiais acontecem na região Sudeste e Sul, eles como mais distante sofrem com isso. Porque os órgãos públicos das esferas municipais e estaduais, não colaboram.

Visivelmente percebe-se o envio a jogos escolares de outros estados, o estado envia aproximadamente 100 alunos e profissionais, e os deficientes visuais um número bem menor e não apóiam.

Os atletas durante o ano todo, o trabalho que eles fazem de treinamento, preparação, passam o tempo todo pensando como participar dos campeonatos. Para realizar aquilo que eles mais gostam, eles sabem que o apoio é o mínimo possível, isso preocupa demais os atletas e não sabem quando isso pode melhorar.

“[...] O que me atrai demais é quando eu chego pra prática deste desporto, e encontro um grupo de pessoas, visto que a modalidade é coletiva e aquela força unida, no próprio pensamento, no mesmo objetivo, cada um sabendo de sua função, e quando essa força se une, no final, há um só resultado que é a vitória, e a cada final de temporada é o que tem assim deixado bastante satisfeito, é a recompensa de todo um ano de trabalho.”

Rômulo Pierre: O atleta-nato

Esta entrevista foi realizada em 17 de novembro de 2009, com duração de aproximadamente 11 minutos.

Trinta e dois anos, casado, ensino médio incompleto, atleta profissional de Goalball.

Rômulo Pierre conheceu o Goalball ao participar de um campeonato de natação e atletismo em 1993 na cidade de São Paulo. Ele, juntamente com o professor Dailton observaram a modalidade do Goalball e ficaram interessados no esporte. Então, trouxeram a idéia do Goalball para João Pessoa, onde Dailton pôs suas idéias em prática.

Devido a dificuldades, como o fato de estar trabalhando para poder se casar, Rômulo foi obrigado a abandonar tanto a natação quanto o Goalball (modalidade em que chegou a disputar um campeonato brasileiro). Ele retornou à prática do Goalball apenas no ano 2000, abandonando de vez a natação.

“[...] Hoje eu me enquadro como atleta profissional, se você disser que eu sou atleta amador, eu vou ficar com raiva, porque eu vivo dele. Eu pratico, dependendo da etapa do treinamento, são 8 horas por dia.”

Rômulo possui uma preferência pelo esporte coletivo, pois este lhe causa maior emoção e adrenalina. Este foi o motivo de sua escolha pelo Goalball em relação à natação. Apesar de ter iniciado o esporte apenas pela emoção, em sua opinião, o salário é de fundamental importância, e foi fundamental para ter prosseguido no esporte.

“[...] É o meu salário pelo meu ofício.”

Enquanto ele não perder a alegria de jogar Goalball, o salário fica em 2º plano. Quando ele perder a alegria de jogar Goalball, botará o salário em primeiro plano.

Dentre as principais dificuldades apresentadas Rômulo cita a adaptação com a bola que não era oficial embora ele trate este fato como um incentivo para se chegar a um patamar melhor.

Outro fator que Rômulo poderia colocar como dificuldade foi o fato de não possuírem a própria quadra, e terem que jogar em quadras adaptadas e cedidas. Até hoje, por exemplo, eles chegam à FUNAD, treinam, e caso queiram marcar para o dia seguinte, são obrigados ir ao órgão para saber se está disponível.

Rômulo diz que rever os amigos nos campeonatos, estar em treinamento, conhecer outras cidades, outras culturas, isso faz parte do Goalball socialmente também.

“[...] O satisfatório é ser atleta, no momento que eu deixar de ser atleta, eu deixo de ser eu.”

Severino Marte da Silva: Goalball é concentração

Esta entrevista foi realizada em 18 de novembro de 2009, com duração de aproximadamente 12 minutos.

Trinta e um anos, solteiro, ensino superior incompleto, auxiliar administrativo e estudante.

Severino conheceu o Goalball quando na época era interno do ICP, e eles foram pela primeira vez a um campeonato de natação em São Paulo. Estava acontecendo em paralelo o campeonato de Goalball, eles estavam em horário de folga das provas e então foram ao ginásio. Nesse ginásio, Dailton ficou observando, e os atletas somente escutando o barulho da bola. Dailton achou interessante o jogo, e no ano seguinte começou a fazer um trabalho por aqui em João Pessoa.

Na época, Dailton começou a fazer um trabalho bem de início, uma bola adaptada, não era a bola de borracha, era uma bola parecida com uma bola de futebol de campo, botou os guizos dentro. Severino supõe que deve ter feito com alguém aqui em João Pessoa. Uma bola do tamanho grande ficou bem pesada, quando encheu de ar ficou bem resistente.

Severino acha que o Goalball é um esporte que para o cego tem sentindo completo, porque é um esporte que exige pouco contato físico, os deficientes visuais fogem do futebol de cinco, esporte que envolve muito contato.

Para ele, o Goalball é um esporte que trabalha o corpo inteiro, além da questão da concentração. Quando Dailton trouxe para a Paraíba foi uma coisa muito boa de praticar, afirma Severino.

“[...] De 1993 para cá, 15 anos praticando, continuo jogando, batendo umas “peladinhos” sem muito compromisso, sem planejamento.”

Atualmente, Severino pratica o Goalball como forma de lazer. Ele integra a equipe da APADEVI de Campina Grande. Apesar de participar apenas esporadicamente, Severino contribui muito com a equipe. E apenas não participou da Copa Brasil Série B de 2009 por não ter conseguido as passagens.

Ele denota a importância da concentração, algo que os atletas trabalham bastante quando estão em quadra. É um dos fatores decisivos em uma partida de Goalball.

“[...] Socialização, conhecer muitos lugares, conhecer regiões diferentes, pessoas diferentes, fazer amizades, a questão do treinamento também você se empenha, sempre aquela coisa gostosa. Se sente bem.”

4 GOALBALL E INCLUSÃO SOCIAL

4.1 A INCLUSÃO ATRAVÉS DO ESPORTE

Na Constituição de 1988 em seu capítulo III denominado “Da educação, da cultura e do desporto”, o que interessa para este trabalho é a Seção III que diz o seguinte:

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados:

I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;

II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;

III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não profissional;

IV - a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional.

§ 1º O Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da justiça desportiva, regulada em lei.

§ 2º A justiça desportiva terá o prazo máximo de sessenta dias, contados da instauração do processo, para proferir decisão final.

§ 3º O poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social.

O esporte é cada vez mais usado como ferramenta de inclusão social para as pessoas com deficiência. Em nossa pesquisa, destacamos os deficientes visuais que praticam o Goalball.

Muitas pessoas têm o esporte como uma competição, diversão ou brincadeira. Nem sempre é o que se busca ao iniciar uma prática esportiva. O favorecimento do esporte para os praticantes vai mais distante do que somente os estádios e ginásios.

O esporte pode funcionar como um meio de inclusão de pessoas que estão marginalizadas da sociedade. Mas, pra que isso aconteça, necessita que haja um maior interesse por parte de todos para que o assunto seja tratado com maior seriedade. *“É preciso apoio dos governos, em todos os níveis, para que políticas de inclusão social por meio do esporte tragam resultados de futuro.”* (MINHOTO, 2009 pg. 77)

Atualmente o esporte é um dos fenômenos socioculturais com grande repercussão na sociedade. Sua importância é imensurável, sendo suas modalidades praticadas em todo o mundo, ajudando na superação dos limites individuais. Claro que, não se deve voltar os olhos somente para o esporte de alto rendimento. Necessita também o suporte em todas as categorias, para que haja um trabalho contínuo desde as bases até chegar ao alto rendimento. E, também o esporte voltado para a diversão, lazer e como um fator de inclusão.

... pois o esporte, além de priorizar a disciplina, ajuda a desenvolver o controle motor e o emocional. Além disso, capacita para a atuação em equipe, melhora a saúde física e mental, contribui para o desenvolvimento da autoestima e promove a interação do indivíduo com o grupo social e com a sociedade de forma geral, enfatizando as relações de convivência e incorporando valores considerados socialmente positivos. (MINHOTO, 2009 pg. 78-79)

O esporte ajuda o deficiente a se tornar um ser humano mais respeitado. Dá suporte para que tenham uma boa acessibilidade ao patamar dos “incluídos” socialmente.

Segundo a Lei 10.891 de 9 de julho de 2004, diz que “Art. 1º Fica instituída a Bolsa-Atleta, destinada aos atletas praticantes do desporto de rendimento em modalidades olímpicas e paraolímpicas, bem como naquelas modalidades vinculadas ao Comitê Olímpico Internacional – COI e ao Comitê Paraolímpico Internacional.”

Em seu anexo I, da Lei citada acima consta os valores das bolsas atletas mensais para cada categoria: Categoria Atleta Estudantil, R\$ 300,00; Categoria Atleta Nacional, R\$ 750,00; Categoria Atleta Internacional, R\$ 1.500,00; Categoria Atleta Olímpico e Paraolímpico, R\$ 2.500,00.

Atualmente todos os atletas que treinam com professor Dailton recebem bolsa-atleta. Alguns recebem bolsa nacional e outros bolsa paraolímpica. Somente 3 recebem bolsa paraolímpica: Legy Pedro, Thiago Costa e Romário Marques. Esses dois últimos, atletas foram descobertos recentemente e já contam com grande destaque nacional. Os outros atletas praticantes recebem a bolsa nacional.

Segundo Minhoto (2009), além do ganho físico, o fortalecimento psicológico é fundamental para que o indivíduo, de excluído da sociedade, passe por um movimento de inclusão social e sinta-se valorizado e forte para enfrentar a vida, sem medo, sem discriminação ou preconceito.

O desporto é capaz de unir todos aqueles que praticam, tornando-os uma só sociedade, um novo grupo social, e, a partir deste grupo social criado, começam a surgir novas descobertas para conseguir ir aumentando o nível de interação entre elas.

A Lei 7.853, de 24 de outubro de 1989, em seu capítulo VII, seção V, da cultura, do desporto, do turismo e do lazer, diz:

“Art. 46. Os órgãos e as entidades da Administração Pública Federal direta e indireta responsáveis pela cultura, pelo desporto, pelo turismo e pelo lazer dispensarão tratamento prioritário e adequado aos assuntos objeto deste Decreto, com vista a viabilizar, sem prejuízo de outras, as seguintes medidas:

[...]

III - incentivar a prática desportiva formal e não-formal como direito de cada um e o lazer como forma de promoção social;

IV - estimular meios que facilitem o exercício de atividades desportivas entre a pessoa portadora de deficiência e suas entidades representativas;

V - assegurar a acessibilidade às instalações desportivas dos estabelecimentos de ensino, desde o nível pré-escolar até à universidade;

VI - promover a inclusão de atividades desportivas para pessoa portadora de deficiência na prática da educação física ministrada nas instituições de ensino públicas e privadas;

Parágrafo único. Serão prioritariamente apoiadas a manifestação desportiva de rendimento e a educacional, compreendendo as atividades de:

II - promoção de competições desportivas internacionais, nacionais, estaduais e locais;

IV - construção, ampliação, recuperação e adaptação de instalações desportivas e de lazer.”

O Estado tem por dever, atuar e fazer com que todos os direitos sejam garantidos para a sociedade, mas, não é o que acontece. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2003, concluiu-se que de 35.412 escolas públicas estaduais existentes no país aproximadamente 48% das escolas não possuem instalações esportivas. Do total, 12.536 escolas têm somente a quadra, mas não é coberta, 4.207 são cobertas. Quando o Estado não cumpre suas obrigações, quem sempre faz é a sociedade. Pessoas que têm vontade de mudar a realidade do país, pessoas com iniciativa, sempre buscando ajuda de empresas, trabalhando em condições não tão favoráveis quanto deveria ser.

“O esporte resgata, dá um sentido de vida e traz esperança para essas pessoas.” (MINHOTO, 2009 pg. 80)

Ao longo do tempo, pessoas que foram beneficiadas pelos projetos, tornam-se multiplicadores do mesmo, passam a realizar atividades semelhantes, que ajude outras pessoas a praticar esporte.

Um exemplo de multiplicador é o professor Mário Sérgio Fontes, primeiro deficiente visual formado em Educação Física no Brasil. Ele que trouxe para o Brasil informações mais detalhadas a respeito do Goalball para que fosse implantado definitivamente.

Foi realizado uma entrevista com o professor Mário Sérgio no ano de 2009, em uma palestra que ele veio à João Pessoa, para falar sobre sua passagem em uma universidade.

O quadro a seguir mostra o desempenho do Brasil em todas as Olimpíadas Com detalhes a respeito das medalhas e posição ao final de cada Olimpíada.

Quadro 1: Brasil em Olimpíadas

Jogos Olímpicos	Medalhas			Total	Posição (°)
	Ouro	Prata	Bronze		
Beijing 2008	3	4	8	15	23
Athens 2004	5	2	3	10	16
Sydney 2000	0	6	6	12	52
Atlanta 1996	3	3	9	15	25
Barcelona 1992	2	1	0	3	25
Seoul 1988	1	2	3	6	24
Los Angeles 1984	1	5	2	8	19
Moscow 1980	2	0	2	4	17
Montreal 1976	0	0	2	2	36
Munich 1972	0	0	2	2	41
Mexico City 1968	0	1	2	3	35
Tokyo 1964	0	0	1	1	35
Rome 1960	0	0	2	2	39
Melbourne/Stockholm 1956	1	0	0	1	24
Helsinki 1952	1	0	2	3	24
London 1948	0	0	1	1	34
Berlim 1936	0	0	0	0	-
Los Angeles 1932	0	0	0	0	-
Amsterdã 1928	-	-	-	-	-
Paris 1924	0	0	0	0	-
Antwerp 1920	1	1	1	3	15
Estocolmo 1912	-	-	-	-	-
Londres 1908	-	-	-	-	-
Saint Louis 1904	-	-	-	-	-
Paris 1900	-	-	-	-	-
Atenas 1896	-	-	-	-	-

Fonte: <http://www.olympic.org/en/content/National-Olympic-Committees/brazil/>
<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/>

O quadro a seguir mostra o desempenho do Brasil em todas as Paraolimpíadas Com detalhes a respeito das medalhas e posição ao final de cada Paraolimpíada.

Quadro 2: Brasil em Paraolimpíadas

Jogos Paraolímpicos	Medalhas			Total	Posição (º)
	Ouro	Prata	Bronze		
Beijing 2008	16	14	17	47	9
Athens 2004	14	12	7	33	14
Sydney 2000	6	10	6	22	24
Atlanta 1996	2	6	13	21	37
Barcelona 1992	3	0	4	7	32
Seoul 1988	4	9	15	28	25
New York 1984	7	17	4	28	24
Arnhem 1980	0	0	0	0	42
Toronto 1976	0	1	0	1	31
Heidelberg 1972	0	0	0	0	32
Tel Aviv 1968	-	-	-	-	-
Tokyo 1964	-	-	-	-	-
Rome 1960	-	-	-	-	-

Fonte: <http://www.paralympic.org/Sport/Results/>

Segundo a Lei 9.615, de 24 de Março de 1998, em seu capítulo VIII denominado “Dos recursos para o desporto” diz:

Art. 56. Os recursos necessários ao fomento das práticas desportivas formais e não-formais a que se refere o art. 217 da Constituição Federal serão assegurados em programas de trabalho específicos constantes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, além dos provenientes de:

VI – dois por cento da arrecadação bruta dos concursos de prognósticos e loterias federais e similares cuja realização estiver sujeita a autorização

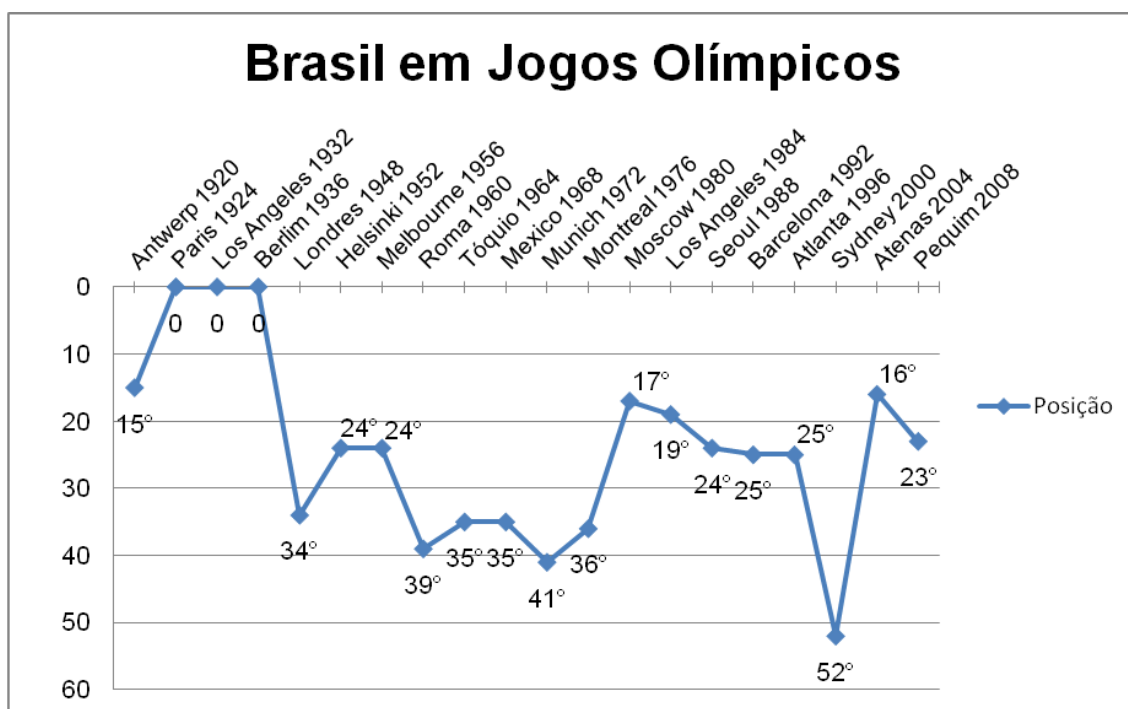
federal, deduzindo-se este valor do montante destinado aos prêmios.(Incluído pela Lei nº 10.264, de 2001)

VII - outras fontes. (Renumerado pela Lei nº 10.264, de 2001)

§ 1º Do total de recursos financeiros resultantes do percentual de que trata o inciso VI do caput, oitenta e cinco por cento serão destinados ao Comitê Olímpico Brasileiro e quinze por cento ao Comitê Paraolímpico Brasileiro, devendo ser observado, em ambos os casos, o conjunto de normas aplicáveis à celebração de convênios pela União.

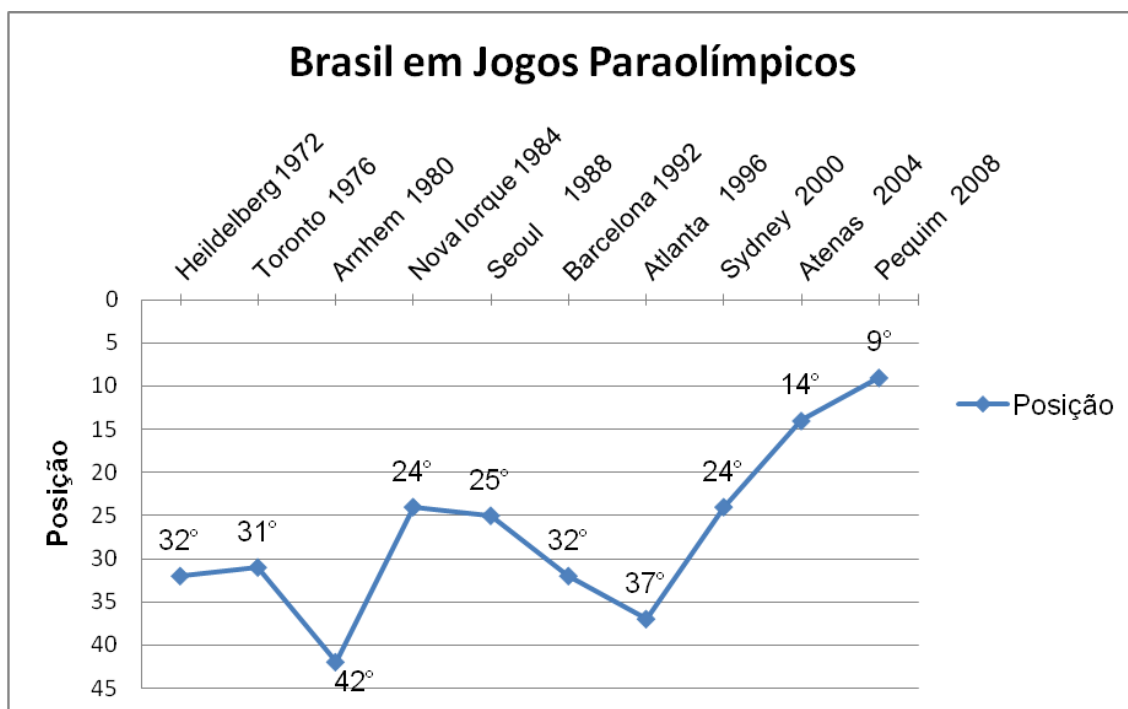
Com 85% dos recursos destinados ao COB e 15% ao desporto Paraolímpico podemos analisar os gráficos de resultados ao final de cada Olimpíada:

Gráfico 1: Brasil em Jogos Olímpicos



Fonte: <http://www.olympic.org/en/content/National-Olympic-Committees/brazil/>
<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/>

Gráfico 2: Brasil em Jogos Paraolímpicos



Fonte: <http://www.paralympic.org/Sport/Results/>

Com a verba destinada ao desporto Paraolímpico, alguns resultados são mais satisfatórios que o desporto Olímpico. De Atlanta até Pequim, as posições sempre subiram 37° lugar, 24° lugar, 14° lugar e 9° lugar, sempre com resultados melhores que os anteriores. Já o desporto Olímpico, nas mesmas Olimpíadas obteve os resultados de 25° lugar, 52° lugar, 16° lugar e 23° lugar. Isso demonstra que o nível de investimento Paraolímpico é inferior ao desporto Olímpico e ainda assim conseguem resultados satisfatórios quando comparados com os resultados dos desportos Olímpicos.

4.2 A INCLUSÃO ATRAVÉS DO GOALBALL

Segundo IBSA (International Blind Sport Association – Associação Internacional de Esportes para Cegos), Goalball foi inventado em 1946 por Hanz Lorenzen e Sepp Reindle, austríaco e alemão, respectivamente, para reabilitação dos veteranos de guerra cegos. O jogo foi introduzido para o mundo em 1976 nas

Paraolimpíadas no Toronto, Canadá e foi jogado em todas as paraolimpíadas desde 1976. E a primeira Paraolimpíada do Brasil foi em Atenas 2004. Não obteve nenhuma medalha, e o critério de desempate com o restante dos países que também não obtiveram medalhas foi a ordem alfabética, sendo assim, o Brasil ficou em 6º lugar, empatado com mais nove países, especificamente no Goalball. Em Pequim o Brasil ficou em 7º lugar, juntamente com outros 8 países que não obtiveram medalhas.

Existe a classificação oftalmológica para legitimar ou não a participação do atleta em alguma competição, determinada pela Federação Internacional de Esportes para Cegos – IBSA.

As classes reconhecidas pelo IBSA são:

- B1: Nenhuma percepção luminosa em ambos os olhos a percepção de luz, mas com incapacidade de reconhecer formato de uma mão a qualquer distância ou direção.
- B2: Capacidade de reconhecer alguma forma de mão à acuidade visual de 2/60 e/ou campo visual inferior a 5 graus.
- B3: Da acuidade visual de 2/60 à acuidade visual de 6/60 e/ou campo visual de mais de 5 graus e menos de 20 graus.

O Goalball é desenvolvido exclusivamente para pessoas com deficiências visuais, ao contrário de outras modalidades. A quadra tem dimensões de nove metros de largura por dezoito metros de comprimento. As partidas duram vinte minutos, com dois tempos de dez minutos.

No Brasil, o esporte foi inserido através do professor Steven Dubner no CADEVI (Clube de Apoio ao Deficiente Visual), de São Paulo, em 1985. Em seguida, foi implantado como modalidade oficial da ABDC (Associação Brasileira de Desportos para Cegos), pelo professor Mário Sérgio Fontes, que levou o Goalball inicialmente para a Associação dos Deficientes Visuais do Paraná (ADEVIPAR) em 1986, e no ano posterior, realizou-se o primeiro Campeonato Brasileiro na cidade de Uberlândia, Minas Gerais.

A seleção brasileira masculina conquistou uma medalha de prata no Para-Panamericano de Buenos Aires, em 1995. Na Carolina do Sul, em 2001, as

mulheres conquistaram o bronze no Parapanamericano, enquanto a seleção masculina ficou com o quarto lugar. No mundial, em 2003, as atletas brasileiras foram vice-campeãs, disputado no Quebec, Canadá. Assim, o Brasil classificou-se para os Jogos Olímpicos pela primeira vez. Em Pequim, foi a estréia da seleção brasileira.

Hoje o esporte é praticado por muitas entidades do Brasil que estão afiliadas à CBDC (Confederação Brasileira de Desportos para Cegos). Na Paraíba é praticado pela APADEVI (Associação Paraibana de Deficientes Visuais) situada em Campina Grande e APACE (Associação Paraibana de Cegos), localizada em João Pessoa.

A equipe da APACE é tetracampeã brasileira e é a atual campeã. Atualmente, três atletas fazem parte da seleção brasileira, que é composta por seis atletas. Dois atletas desta instituição foram convocados para ir à Pequim 2008. A equipe conseguiu um desempenho satisfatório para com o nível de investimento governamental neste esporte.

O professor Dailton, atualmente técnico da APACE, vem desenvolvendo o Goalball na Paraíba, especificamente em João Pessoa, há 17 anos, e tem feito grandes atletas, que por si só, já foram convocados para a seleção brasileira várias vezes. O mesmo já foi técnico da seleção brasileira, além de ter sido o técnico da seleção que conseguiu classificar o Brasil para Pequim 2008, e o próprio foi para os Jogos Paraolímpicos.

Segundo o censo do IBGE (2000), o Brasil tem 14,5% de pessoas com algum tipo de deficiência, que representa aproximadamente 24,6 milhões de pessoas da população total que é de aproximadamente 170 milhões de pessoas. Do total de deficientes no Brasil, a maior porcentagem é de deficientes visuais com 68% do total, representando 16,6 milhões de pessoas, aproximadamente. No estado da Paraíba tem um aproximado de 3,4 milhões de pessoas. Deste total, 13,45% são deficientes visuais, em números, aproximadamente 460 mil deficientes visuais.

Promover a prática do Goalball como conteúdo regular da educação física auxilia na difusão do conhecimento sobre a potencialidade das pessoas com deficiência visual, contribuindo para a redução da discriminação. (ALMEIDA et. al., 2008)

Isso permitirá que as pessoas que não têm deficiência conheçam e tenham acesso ao esporte das pessoas com deficiências, dessa forma, visando a divulgação do Goalball. Esta prática vai fortalecer o conhecimento da população que é um dos principais fatores por estar no patamar da falta de atenção por parte da sociedade e das esferas municipais, estaduais e federais.

O decreto nº 914, de 6 de setembro de 1993, que institui a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, e dá outras providências, em seu Capítulo VIII das diretrizes, diz:

Art. 5º São diretrizes da Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência:

- I - estabelecer mecanismos que acelerem e favoreçam o desenvolvimento das pessoas portadoras de deficiência;
- II - adotar estratégias de articulação com órgãos públicos e entidades privadas, bem como com organismos internacionais e estrangeiros para a implantação desta política;
- III - incluir a pessoa portadora de deficiência, respeitadas, as suas peculiaridades, em todas as iniciativas governamentais relacionadas à educação, saúde, trabalho, à edificação pública, seguridade social, transporte, habitação, cultura, esporte e lazer;
- IV - viabilizar a participação das pessoas portadoras de deficiência em todas as fases de implementação desta política, por intermédio de suas entidades representativas;

De acordo com as leis citadas, o governo precisa melhorar seu envolvimento com o esporte, botando as leis em prática e tornando-as mais efetivas. Com os depoimentos obtidos vemos que a falta de apoio é mínima para o Goalball.

[...] Dificuldade de participar e não para treinar. Falta mais apoio ao esporte adaptado. O esporte adaptado tem que ter outros olhos dos governantes, porque tem melhorado muito a auto-estima, melhora a socialização, a sociedade quebra alguns conceitos. Isso aí o governo tem muito a ver. Eu tenho minha consciência, que não é do dia pra noite não,

os paradigmas vão sendo quebrados aos poucos, já quebramos muitas.
(Dailton F. Nascimento, 2009)

Dailton, treinador de Goalball há 17 anos no estado da Paraíba, especificamente em João Pessoa, afirma que dificuldades existem em todo o esporte, mas, para o Goalball a dificuldade é maior em relação a outras modalidades porque não tem uma repercussão maior na mídia. Por isso, é exigido que haja amor ao esporte por parte das pessoas que trabalham neste ramo. Em vez de o governo dar todo suporte, os profissionais que estão envolvidos na prática do Goalball têm que se sacrificar de mil e uma maneiras para dar seguimento ao trabalho que eles vêm fazendo em suas associações.

[...] os órgãos públicos, das esferas municipais e estaduais, principalmente não colaboram. Isso visivelmente percebe o envio a jogos escolares de outros estados, o estado envia cem, cento e poucos alunos e profissionais e a gente um número dez vezes bem menor não nos apóiam.” (Legy P. Freire, 2009)

No Decreto 3.298, de 20 de dezembro de 1999, regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Em seu capítulo VIII, diz:

“Art. 49. Os órgãos e as entidades da Administração Pública Federal direta e indireta, responsáveis pela formação de recursos humanos, devem dispensar aos assuntos objeto deste Decreto tratamento prioritário e adequado, viabilizando, sem prejuízo de outras, as seguintes medidas:

I - formação e qualificação de professores de nível médio e superior para a educação especial, de técnicos de nível médio e superior especializados na habilitação e reabilitação, e de instrutores e professores para a formação profissional;

II - formação e qualificação profissional, nas diversas áreas de conhecimento e de recursos humanos que atendam às demandas da pessoa portadora de deficiência; e

III - incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico em todas as áreas do conhecimento relacionadas com a pessoa portadora de deficiência.”

De acordo com o disposto acima, as entidades são responsáveis por formar recursos humanos com qualificação na educação especial, em diversas áreas de conhecimento. Na atualidade, poucas pessoas trabalham com o esporte adaptado na Paraíba, diz Dailton.

A expansão do Goalball pelo Nordeste foi através de Dailton, desejou que tivessem competições no Nordeste, em vez das equipes sempre terem que ir para o Sudeste participar de competições.

Após o encontro no qual Dailton mostrou o Goalball para os treinadores, no ano de 2002 foi realizado o primeiro campeonato regional, denominado Grand Prix de Goalball que posteriormente foi denominado Circuito de Goalball. Neste ano, já praticavam João Pessoa, Recife e Natal.

4.3 INCLUSÃO ATRAVÉS DO GOALBALL EM JOÃO PESSOA

A evolução dos atletas através do Goalball é bastante significativa. De seis atletas que iniciaram o esporte na época, três ainda continuam praticando Goalball, os outros desistiram. Um por não se identificar com o esporte e foi para o atletismo, outro foi para o futebol de cegos e o outro já tem 40 anos e já trabalha. Ainda existem os que praticam o Goalball somente por lazer, sem o foco de alto rendimento, que é o trabalho que Dailton vem desenvolvendo há anos.

De todos os atletas que iniciaram a prática do Goalball, somente foi possível entrevistar quatro atletas e o treinador, os outros dois não foi possível manter contato.

No início treinavam num galpão do ICP, (onde ainda treinam às vezes), já treinaram nos ginásios descobertos da UFPB, através de amigos do treinador que conseguiram o espaço pra que pudessem treinar lá. O Lourdinás já cedeu quadra, e na FUNAD, que estão até hoje, faz alguns anos que a FUNAD cedeu o espaço (um salão, mas serve como uma quadra). Dentro do improvisado, utilizam as colunas para amarrar as cordas e delimitar a trave. Quando arremessam, as bolas vão distante, dificultando o andamento do treino. Também treinaram no DEDE (Antigo CIEF).

São 17 anos de Goalball, iniciando em 1993, com o conhecimento do Goalball praticado em São Paulo. Em 1994, Dailton conseguiu uma bola adaptada, e apresentou o Goalball dentro do Instituto dos Cegos da Paraíba. Em 1995, a primeira equipe que foi para o campeonato brasileiro em Belo Horizonte. Em 1996 foram pra Brasília disputar o regional, já que não existia regional no Nordeste. Neste ano, garantiram a vaga para o campeonato nacional. Em 1997 e 1998 não houve competição. Em 1999, foram vice-campeões regionais, e vice-campeões brasileiros.

Em relação à Copa Brasil, 2000 foram vice-campeões, 2001 foram terceiro lugar, 2002 vice-campeões, 2003 foram quarto lugar, 2004 em quarto lugar, 2005 e 2006 foram campeões, em 2007 vice-campeões, 2008 e 2009 campeões novamente. Tornando-se assim tetra-campeã brasileira, empatada com a equipe Associação de Deficientes Visuais de Maringá (ADEVIMAR), do Paraná. ASPACE é a única equipe que esteve em cinco finais seguidas.

[...] A motivação traz o interesse, então, eles estão sempre motivados, são campeões brasileiros, são atletas que representam o Brasil, são atletas que vão pra mundiais, Pan-americanos, Paraolimpíadas. (Dailton F. Nascimento, 2009)

Segundo Minhoto (2009), o esporte pode funcionar como instrumento de inserção de pessoas que, normalmente, são marginalizadas da sociedade. Entretanto, o assunto precisa ser enfrentado de uma forma mais aprofundada e não superficial como ainda acontece.

A inclusão cada dia está maior em João Pessoa, através do Goalball. Dailton vem realizando escolinha de Goalball dentro do Instituto dos Cegos, sempre buscando a renovação do time atual, e preparando os jovens atletas para futuramente, quem sabe, representar o estado da Paraíba, ou até mesmo o Brasil em competições internacionais.

Alguns depoimentos dos atletas e do treinador a respeito da inclusão social:

“[...] Mas, a gente sempre acreditou no projeto, sempre insistindo, sempre mostrando que o esporte socializava, reabilitava, era importante. Nada, nunca, nessa época eu imaginava que o esporte hoje poderia ter bolsa atleta, que uma pessoa cega com deficiência poderia viver do esporte.” (Dailton F. Nascimento, 2009)

“[...] Os meus atletas de certa forma tendo mais conforto na vida, através de bolsas federais, paraolímpicas. Bolsas de um certo valor de R\$ 1.500,00 à 3.000,00, outros ganham R\$ 750,00, então, isso só faz aumentar nosso interesse, a motivação que leva à isso” (Dailton F. Nascimento, 2009)

“[...] Fiquei muito feliz há 2 anos atrás que não sei se foi no concurso estadual ou municipal para professores de educação física, uma das perguntas foi “qual foi a modalidade específica praticados por cegos e

deficientes visuais” E aí estava lá o Goalball, eu me emocionei.” (Dailton F. Nascimento, 2009)

“[...] Hoje posso dar um exemplo de Legy, conheci Legy aos 13 anos de idade, há 18 anos isso. Veio do interior da Paraíba, perdeu a visão aos 9 anos. [...] Ele já conheceu o mundo todo. É um atleta de alto rendimento e com certeza ele realizou um grande sonho como foi o meu, participar de uma paraolimpíada, que é o sonho de todo profissional e todo atleta. [...] e vai dar certo conforto na vida que vai receber uma bolsa de mais ou menos 3 mil reais durante 4 anos.” (Dailton F. Nascimento, 2009)

“[...] Eu perdi a visão já depois de grande, na verdade eu com 9 anos já não enxergava muito bem. Eu estudava numa escola normal, 3ª série e gostava muito de estudar e eu tive que ser colocado fora de sala de aula pelo fato de não enxergar e atrapalhava os alunos em sala de aula que ficava muito em cima do quadro. Me entristeci um pouco, porem conheci o instituto, mas ali já quando eu vim para cá, já tinha perdido a visão total.” (Legy P. Freire, 2009)

“[...] O que me atrai demais é quando eu chego para a prática deste desporto, e encontro um grupo de pessoas, visto que a modalidade é coletiva e aquela força unida, no próprio pensamento, no mesmo objetivo, cada um sabendo de sua função, e quando essa força se une, no final, há um só resultado que é a vitória, e a cada final de temporada é o que tem assim deixado bastante satisfeito, é a recompensa de todo um ano de trabalho.” (Legy P. Freire, 2009)

“[...] Rever os amigos nos campeonatos, está em treinamento, conhecer outras cidades, outras culturas, isso faz parte do Goalball socialmente também. O satisfatório é ser atleta, no momento que eu deixar de ser atleta, eu deixo de ser eu” (Rômulo Pierre, 2009)

“[...] Socialização, conhecer muitos lugares, conhecer regiões diferentes, pessoas diferentes, fazer amizades, a questão do treinamento também

você se empenha, sempre aquela coisa gostosa. Se sente bem.”
(Severino M. da Silva, 2009)

“[...] você sabe que o deficiente, principalmente o cego, geralmente a auto-estima da rapaziada é meio assim pra baixo [...] Eu correndo pela rua você escuta muito comentário que as vezes deixa com a auto-estima bem elevada [...] Acho que o esporte na vida de qualquer um, principalmente na vida de um deficiente ele tem esse potencial de melhorar a estima do sujeito.” (Fernando A. Felipe, 2009)

Todos eles atualmente sentem-se realizados após todos esses anos praticando o Goalball. Notamos nos discursos dos atletas e treinador que ainda há identificação com o esporte, e existe a motivação que sempre mantém os atletas buscando o melhor desempenho nos treinamentos e nas competições regionais, nacionais e internacionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos depoimentos dos pioneiros do Goalball na cidade de João pessoa, constatou-se que este esporte teve um papel significativo na inclusão social dos deficientes visuais. A prova disso é que os atletas Fernando Alves, Legy Pedro Freire, Rômulo Pierre e Severino Marte adquiriram uma forma de inclusão social.

Fernando Alves, trinta e dois anos, atualmente é instrutor de Braille, percebeu que não se identificava com o Goalball e preferiu sair, então foi praticar atletismo que poderia render muito mais, e teve bons resultados em três provas que ele treinava todos os dias, 100 metros, 200 metros e 400 metros. Obteve resultados nacionais. Participou de pan-americanos também. Hoje, ele pratica o atletismo por lazer mesmo, ele fala que pra competição não dá mais, pois, o nível está muito alto, e vai chegando a certa idade que outras pessoas vêm substituindo.

Legy Pedro Freire, trinta e três anos, recepcionista do projeto Cooperar do Estado da Paraíba, ensino superior incompleto em Teologia, atualmente presta vestibular para ciências da religião. Além disso, atleta profissional de Goalball, ganha em média R\$ 3.000,00 por mês, por já ter participado de paraolimpíadas. Hoje, é casado, e sustenta sua família através de seu alto rendimento como atleta. Pode-se dizer que ele é o porta-voz dos atletas, por sua grande experiência tanto como atleta como uma pessoa portadora de necessidades especiais.

Rômulo Pierre, trinta e dois anos, atleta profissional de Goalball, tem 1º ano científico concluído. Hoje só vive para o Goalball, treina em média oito horas por dia, dependendo a fase do treinamento. Já foi atleta de natação, com participações internacionais. É um dos atletas que vive para o Goalball. Também é casado e sustenta sua família através de seu esporte. Ele pretende continuar praticando o Goalball até não ter mais motivação para praticá-lo.

Severino Marte da Silva, trinta e um anos, solteiro, trabalha como auxiliar administrativo e estuda Pedagogia. Ele continua praticando o Goalball como forma de lazer, sem a cobrança de como é um atleta de alto rendimento. Hoje, ele treina Goalball pela equipe da APADEVI de Campina Grande.

Dailton Freitas do Nascimento, quarenta e três anos, casado, professor de educação física e treinador de Goalball, tem ensino superior e Pós-graduado. Pode ser considerado o difusor do Goalball no Nordeste. Desde sua curiosidade ao

defrontar-se com um esporte que para ele era desconhecido até os dias atuais no alto rendimento, é uma vida de sacrifício, com muitos obstáculos encontrados nesse longo caminho. Mas Dailton apostou no projeto desde quando ele incluiu o Goalball no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha. Atual treinador da APACE, e ainda motivado em continuar com esse projeto que vem gerando bons resultados tanto na vida esportiva como na vida social de cada atleta da equipe. Esta é uma das maiores satisfações do treinador.

Considerando o exposto acima, podemos dizer que todos os atletas estão incluídos socialmente. Cada um com sua vida formada através do Goalball, para aqueles que vivem do Goalball, e uma parcela de contribuição do Goalball para os que não vivem do Goalball, os que praticam por lazer.

Hoje com todas as leis em evidência para os deficientes, tanto a sociedade como os governos municipais, estaduais e federais estão se voltando para beneficiar mais quem sempre precisou de que fosse feito o que lhe é direito, pois está na constituição do Brasil que todos nós somos iguais perante a lei. Independente de qualquer espécie seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Conclui-se que, as dificuldades mais marcantes em toda a história do Goalball foram a falta de apoio tanto de instituições particulares e governamentais. Também a dificuldade de estrutura, material de treino e conhecimento a respeito do Goalball. Dentre eles, o mais importante foi a falta de apoio das instituições.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Júlio, et al. **Goalball: invertendo o jogo da inclusão**. São Paulo: Autores associados (Coleção educação física e esportes; Série manuais), 2008.

BEIJING 2008, Disponível em: <<http://en.paralympic.beijing2008.cn/index.shtml>> Acesso em 03 de Março de 2009.

BRASIL, **Constituição do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988_11.11.2009/index.htm>. Acesso em 30 de Nov. 2009.

BRASIL, Decreto nº 3.298, de 20 de Dezembro de 1999. **Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm>. Acesso em 15 de Dez. de 2009.

BRASIL, Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. **Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm>. Acesso em 04 de Mar. de 2009.

BRASIL, Decreto nº 914, de 6 de setembro de 1993. **Institui a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D0914.htm> Acesso em 15 Dez. de 2009.

BRASIL, Lei nº 7.853, 24 de Outubro de 1989. **Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências.** Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7853.htm>. Acesso em 21 de Dez. de 2009.

BRASIL, Lei nº 9.615, de 24 de Março de 1998. **Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências.** Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L9615consol.htm>>. Acesso em 21 de Dez. de 2009.

Confederação Brasileira de Desportos para Cegos, Disponível em <www.cbdc.org.br>. Acesso em 03 de Mar. de 2009.

Comitê Paraolímpico Brasileiro, Disponível em <<http://www.cpb.org.br/>>. Acesso em 03 de Mar. de 2009.

ELECTROSERTEC, Disponível em <http://electrosertec.pt/esert/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.browse&category_id=30&Itemid=1>. Acesso em 23 de Dez. de 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Censo Demográfico de 2000.** Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em 14 de Dez. de 2009.

International Blind Sport Federation. Disponível em: <www.ibsa.es>. Acesso em 03 de Mar. de 2009.

International Olympic Committee, **BRAZIL.** Disponível em: <<http://www.olympic.org/en/content/National-Olympic-Committees/brazil/>>. Acesso em 15 de Dez. de 2009.

International Paralympic Committee, **IPC Historical Results Database**. Disponível em: <<http://www.paralympic.org/Sport/Results/>>. Acesso em 15 de Dez. 2009.

MATTOS, M. G; ROSSETTO JÚNIOR, A. J; BLECHER, S. **Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa em Educação Física**: construindo sua monografia, artigo e projeto de ação. São Paulo: Phorte, 2008.

MINHOTO, Antônio et al. **Constituição, minorias e inclusão social**. São Paulo: Rideel, 2009.

NASCIMENTO, Dailton; MORATO, Márcio. **Goalball: Manual de Orientação para Professores de Educação Física**. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

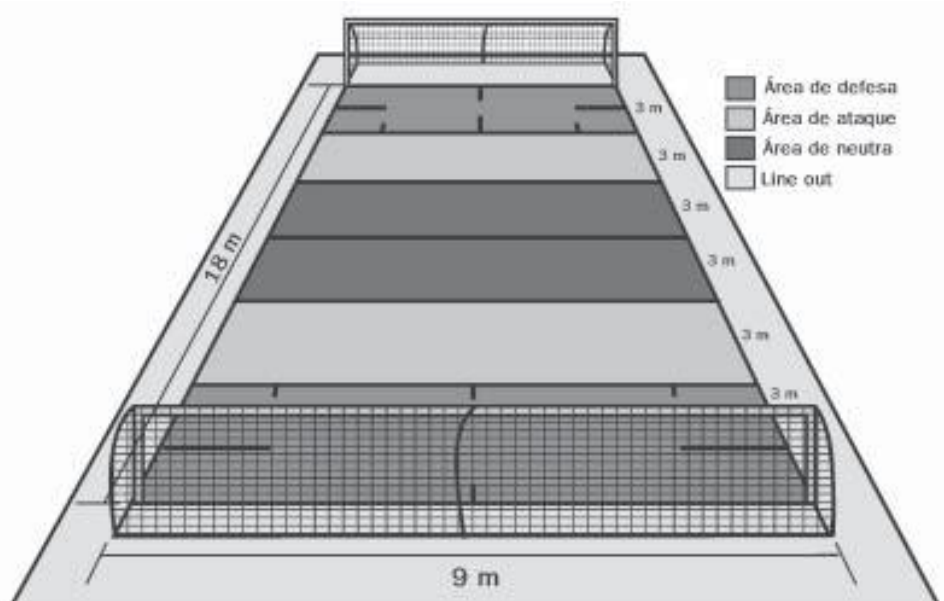
Nações Unidas do Brasil. **Declaração dos Direitos Humanos**. Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php> Acesso em 03 Mar. de 2009.

SILVA, C. R. de O. **Metodologia e Organização do projeto de pesquisa**. Fortaleza. 2004. (Guia Prático).

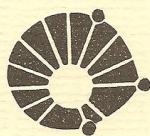
UOL, **Histórico das Olimpíadas**. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/historia/>> Acesso em 15 de Dez. de 2009.

ANEXOS

ANEXO A – Quadra oficial de Goalball



**ANEXO B – Certificado de Participação no VII Campeonato Brasileiro de
Natação e Atletismo**



UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

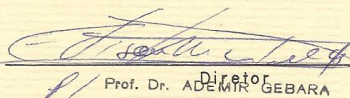
CERTIFICADO

Conferido a DAILTON FREITAS DO NASCIMENTO

por participar como Técnico da "APACE/PB" no "VII CAMPEONATO BRASILEIRO
DE NATAÇÃO E ATLETISMO" para Deficientes Visuais.

no período de 02 e 03 de outubro de 1993

Campinas, 06 de outubro de 1993


Diretor
Prof. Dr. ADEMIR GEBARA
Diretor da FEF/UNICAMP
Matr. 03660

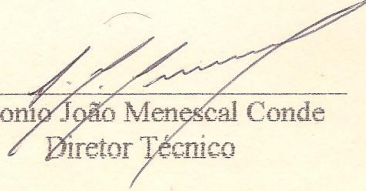
**ANEXO C – Certificado de participação no IX Campeonato Brasileiro de
Goalball**

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
DESPORTOS PARA CEGOS - ABDC**

CERTIFICADO

Certifico que o professor/a.....*Dailton Freitas do Nascimento*.....
participou do IX Campeonato Brasileiro de Goalball, promovido pela
Associação Brasileira de Desportos para Cegos - ABDC, no período de 8 a
10 de novembro de 1996, na cidade de Uberlândia - MG.

Uberlândia, 10 de novembro de 1996



Antonio João Menescal Conde
Diretor Técnico

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre O GOALBALL EM JOÃO PESSOA: A VITÓRIA DA INCLUSÃO SOCIAL e está sendo desenvolvida por RAONI SILVA PINTO, aluno do Curso de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha.

O objetivo do estudo é descrever a história do Goalball na cidade de João Pessoa, bem como analisar o papel desse esporte na inclusão social dos deficientes visuais.

A finalidade deste trabalho é identificar os pioneiros responsáveis pela introdução do Goalball na cidade de João Pessoa; analisar a evolução histórica do Goalball na capital e analisar o papel desempenhado pelo Goalball como instrumento de inclusão social.

Solicitamos a sua colaboração para ser realizada uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha

Endereço (Setor de Trabalho): Universidade Federal da Paraíba – Departamento de Educação Física

Telefone: (83) 9986-7923

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista para atletas e ex-atletas de Goalball



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Roteiro de entrevista para atletas e ex-atletas de Goalball

- 1) Como conheceu o Goalball?
- 2) Onde conheceu o Goalball?
- 3) Porque o interesse pelo Goalball?
- 4) Qual motivo lhe fez continuar praticando o Goalball?
- 5) Que dificuldades teve no início de quando começou a praticar o Goalball?
- 6) Que dificuldades têm hoje para praticar o Goalball?
- 7) O que é mais satisfatório no Goalball para você?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista para o treinador



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Roteiro de entrevista para o treinador

- 1) Como conheceu o esporte?
- 2) Onde conheceu este esporte?
- 3) Porque o interesse pelo Goalball?
- 4) Quando começou a trabalhar com o Goalball?
- 5) Quais as dificuldades que enfrentou no início do Goalball?
- 6) Em que ano trouxe para João Pessoa o Goalball?
- 7) Quem foram os primeiros atletas de Goalball?
- 8) O que lhe fez ter o interesse pelo Goalball? Por quê?
- 9) Quais as dificuldades enfrentadas atualmente pelo Goalball em João Pessoa?